

**ATIVIDADE PARA ESTUDO DOMICILIAR**  
**16° SEMANA De 06/07 – 10/07**

<b>Professor: ALAN RAMOS</b>	<b>Componente curricular: História – 2° Trimestre</b>
<b>Nível de ensino: 8° Ano</b>	

**HABILIDADES**

H6. Identificar e contextualizar as especialidades dos diversos processos de independência na Américas, seus aspectos populacionais e suas conformações territoriais.

**ROTINA DE ESTUDOS:**

LEIA ATENTAMENTE OS TEXTO SOBRE AS REBELIÕES NA AMÉRICA PORTUGUESA: A REVOLTA DOS BECKMAN A GUERRA DOS EMBOABAS E A GUERRA DOS MASCATES. APÓS FAÇA UM TEXTO CONTENDO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS TRÊS CONFLITOS. IREMOS EM AULA DISCUTIR O TEXTO.

**LINK PARA AS AULAS ONLINE DIA 10-07 ÀS  
8H HORAS**

[meet.google.com/yrt-zmia-mct](https://meet.google.com/yrt-zmia-mct)

LEIA ATENTAMENTE OS TEXTO SOBRE AS REBELIÕES NA AMÉRICA PORTUGUESA: A REVOLTA DOS BECKMAN A GUERRA DOS EMBOABAS E A GUERRA DOS MASCATES. APÓS FAÇA UM TEXTO CONTENDO AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS TRÊS CONFLITOS. IREMOS EM AULA DISCUTIR O TEXTO.

**REBELIÕES  
NA AMÉRICA  
PORTUGUESA**

O que você sabe sobre Tiradentes? Por que será que ele é tão popular entre nós, brasileiros? Você sabia que Tiradentes e seus companheiros participaram de uma revolta, mas somente ele pagou com a vida? Por que será que isso aconteceu? Durante muito tempo, se disse que ele foi o único a morrer na forca porque era "um pobretão"; será que o motivo foi esse mesmo ou foi outro?



## A Revolta de Beckman (1684)

No século XVII, a base da economia do Grão-Pará e Maranhão eram as chamadas **drogas do sertão**, como cacau, canela, castanha-do-pará, pequi, guaraná, entre outras. Eram os indígenas escravizados que extraíam essas riquezas da floresta para os colonos da região. Além disso, eram eles também que tocavam os engenhos de açúcar do Maranhão. Assim, ao serem informados da proibição de se escravizarem indígenas, os colonos protestaram e exigiram uma atitude do governo português.

Pensando em contornar a situação, o governo de Portugal criou a Companhia de Comércio do Maranhão, que se comprometeu a vender africanos escravizados para os colonos. A companhia, no entanto, não cumpriu o prometido: além de não trazer a mão de obra africana para o Maranhão, ela falsificava pesos e medidas, cobrava caro pelos produtos que vendia (bacalhau, sal, farinha de trigo) e pagava barato por aquilo que comprava da região.

Liderados por um grande senhor de engenho do Maranhão, chamado Manuel Beckman, os colonos invadiram os armazéns da Companhia de Comércio do Maranhão, destituíram o governador e ocuparam o colégio dos jesuítas em São Luís, obrigando dezenas deles a fugirem; o movimento armado recebeu o nome de **Revolta de Beckman**.

## **A Guerra dos Emboabas (1707-1709)**

Por volta de 1693, o paulista Antônio Rodrigues Arzão descobriu ouro perto de onde é hoje a cidade mineira de Sabará. Nos anos seguintes, foram descobertas novas minas de ouro, como as de Vila Rica, hoje Ouro Preto. Daí o nome "minas gerais".

Assim que a notícia se espalhou, milhares de pessoas das mais diversas condições sociais afluíram ao sertão mineiro. Vinham de Portugal, do Rio de Janeiro, da Bahia, de São Paulo e de vários outros pontos do **território colonial** atraídas pela ideia de enriquecimento fácil. Da África, foram trazidos milhares de indivíduos escravizados para trabalhar na mineração.

Nos primeiros anos de mineração, ocorreram vários conflitos na região das minas. O maior deles teve origem na disputa pelo ouro entre os paulistas, que o descobriram, e os forasteiros (portugueses e pessoas de outras regiões do Brasil), que queriam explorá-lo. Os portugueses foram apelidados pelos paulistas de **emboabas**.

Os forasteiros, chamados de emboabas e liderados pelo comerciante português Manuel Nunes Viana, foram proibidos de entrar na região e reagiram pegando em armas; o conflito se estendeu por dois anos (1707-1709) e ficou conhecido como **Guerra dos Emboabas**. Durante os conflitos, os emboabas aclamaram Manuel Nunes governador de todas as Minas.

O conflito foi vencido pelos emboabas. E, para melhor controlar sua colônia, o governo português decidiu:

- enviar ao Rio de Janeiro um novo governador;
- criar a Capitania de São Paulo e a das Minas de Ouro (1710), que até então faziam parte da Capitania do Rio de Janeiro;
- elevar os povoados mais populosos da nova capitania à condição de vila. A primeira vila na região foi a de Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, em 1711 (atual **Mariana**); depois surgiram Vila Rica (atual **Ouro Preto**), Sabará, São João del Rei, entre outras.

## A Guerra dos Mascates (1710-1711)

Na segunda metade do século XVII, o açúcar brasileiro vinha perdendo preço na Europa. E, com isso, os senhores de engenho de Olinda contraíram dívidas com os comerciantes de Recife. Assim, esses comerciantes, chamados na época de "**mascates**", foram enriquecendo, enquanto os senhores de engenho de Olinda se endividavam; daí nasceu uma forte rivalidade entre os dois grupos.

Embora fossem ricos, esses comerciantes não tinham poder político, pois Recife era controlada pela Câmara Municipal de Olinda, liderada pelos senhores de engenho locais.

Conscientes de sua força, os comerciantes de Recife pediram ao rei de Portugal que elevasse seu povoado a vila, pois, assim, teriam a sua própria Câmara Municipal. Em 1710, o rei atendeu ao pedido dos comerciantes, muitos deles portugueses, que se apressaram em erguer um **pelourinho** no centro de Recife.

Inconformados, os proprietários olindenses se armaram, invadiram Recife e destruíram o pelourinho, dando início, assim, à Guerra dos Mascates. O governo português interveio em favor dos comerciantes; mandou soldados reprimirem os olindenses e enviou um novo governador. Recife foi confirmada como vila independente e tornou-se capital de Pernambuco.

**Pelourinho:** coluna de pedra ou madeira erguida em praça pública, que servia para indicar que determinado local possuía autonomia. Era, portanto, símbolo do poder local (municipal). Era usado também para castigar os escravos publicamente.

REFERÊNCIA: BOULOS Júnior, Alfredo. História, Sociedade e cidadania: 8º ano/ Alfredo Boulos Júnior – 4. ed - São Paulo: FTD, 2018 - páginas 84,85,86,87,88.